



E L James
As Cinquenta Sombras de Grey

Fifty Shades of Grey

Traduzido do inglês por
Ana Álvares e Leonor Marques



TÍTULO ORIGINAL
FIFTY SHADES OF GREY

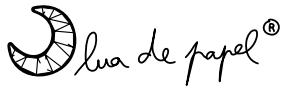
© 2011, Fifty Shades Ltd 2011

A autora publicou uma versão anterior desta história online, com personagens diferentes, com "Masters of the Universe", sob o pseudónimo Snowqueen's Icedragon.

1.ª edição / Julho de 2011

ISBN: 978-989-23-1995-7

Depósito Legal n.º: 344687/12



[Uma chancela do grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
luadepapel@leya.pt
editorialuadepapel.blogs.sapo.pt
www.luadepapel.pt

Para Niall,
o senhor do meu universo

AGRADECIMENTOS

Estou grata às seguintes pessoas pela sua ajuda e apoio:

Ao meu marido, Niall, obrigada por tolerares a minha obsessão, por seres um deus do lar e por fazeres a primeira revisão.

À minha chefe, Lisa, obrigada por me aturares durante o último ano, em que me dediquei a esta loucura.

A CCL, nunca o direi, mas obrigada.

Às minhas acérrimas fãs originais, obrigada pela vossa amizade e apoio constantes.

A SR, obrigada por todos os valiosos conselhos que deste desde o início e por dares o pontapé de saída.

À Sue Malone, obrigada por me dares uma direção.

À Amanda e a todas as pessoas da TWCF, obrigada por apostarem.

CAPÍTULO UM

Olhei descontente para a minha imagem no espelho. Bolas para o cabelo – não havia forma de ficar no sítio, e bolas para a Katherine Kavanagh por estar doente e me submeter àquele suplício. Eu devia estar a estudar para os meus exames finais, que eram já na semana seguinte, mas ali estava a tentar submeter o cabelo à escova. *Não posso dormir com ele molhado. Não posso dormir com ele molhado.* Recitando várias vezes este mantra, procurei, mais uma vez, controlá-lo com a escova. Revirei os olhos, exasperada, e pus-me a olhar para a rapariga pálida de cabelo castanho e olhos azuis desproporcionadamente grandes que olhava fixamente para mim, e desisti. A minha única opção era prender o meu cabelo rebelde num rabo-de-cavalo e esperar ter um aspeto minimamente apresentável.

Kate partilhava o apartamento comigo, e escolhera logo o dia de hoje para ficar com gripe. Portanto, não podia ir à entrevista que tinha conseguido marcar com um magnata, um megaindustrial de quem nunca ouvi falar, para o jornal académico. Por isso fui recrutada. Eu devia estar a matar-me a estudar para os exames finais. Tinha um trabalho para entregar e naquela tarde devia ir trabalhar, mas não – tinha de fazer 265 quilómetros até ao centro de Seattle para me encontrar com o enigmático diretor-geral da Grey Enterprises Holdings, Inc. Como empreendedor excepcional que era, e destacado mecenas da nossa universidade, o seu tempo revelava-se extraordinariamente precioso – muito mais precioso do que o meu –, mas concedera uma entrevista à Kate. Um verdadeiro furo, disse-me ela. Bolas para as atividades extracurriculares dela.

Ela estava encolhida no sofá da sala.

– Ana, sinto muito. Levei nove meses a conseguir a entrevista. São precisos mais seis para marcar outra data, e aí já as duas terminámos a

faculdade. Sou a editora do jornal, não posso dar cabo disto. Por favor – implorou-me Kate, com aquela voz arranhada de quem tem a garganta dorida.

Como é que ela fazia aquilo? Até doente tinha aquele ar de *gamine*, deslumbrante, loira ruiva, cabelo bem penteado e olhos verdes e vivos, ainda que agora estivessem raiados de vermelho e lacrimejantes. Ignorei o meu impulso de simpatia não desejada.

– Claro que vou, Kate. Devias voltar para a cama. Queres um Cêgripe ou um Tylenol?

– Um Cêgripe, por favor. Estão aqui as perguntas e o meu gravador digital. Basta carregares aqui para gravar. Tira notas, eu transcrevo tudo.

– Não sei nada dele – murmurei, tentando sem sucesso suprimir o pânico que começava a aumentar.

– As perguntas orientam-te. Vai. Tens muito que conduzir. Não quero que chegues atrasada.

– OK, estou de saída. Volta para a cama. Fiz-te uma sopa para aqueceres mais logo.

Olhei carinhosamente para ela. *Só por ti, Kate, é que eu fazia isto.*

– Está bem. Boa sorte. E obrigada, Ana. Como de costume, salvaste-me a vida.

Com um sorriso amarelo, peguei na mochila e saí para o carro. Não conseguia acreditar que tinha deixado a Kate convencer-me a fazer isto. Mas, vendo bem, a Kate conseguia convencer qualquer pessoa a fazer o que quer que fosse. Ia dar uma jornalista excecional. Era comunicativa, forte, persuasiva, combativa, linda – e era a minha amiga mais querida.

As estradas estavam desimpedidas quando saí de Vancouver, Washington, na direção da Interestadual 5. Era cedo e só tinha de estar em Seattle às duas da tarde. Felizmente, a Kate emprestara-me o desportivo dela, o Mercedes CLK. Não me parece que a Wanda, o meu carocha super antigo, conseguisse fazer a viagem a tempo. Oh, o Mercedes era muito fixe de conduzir, e os quilómetros voavam quando metia o prego a fundo.

O meu destino era a sede da empresa global do Mr. Grey, um edifício de escritórios enorme, vinte andares de vidro e aço, todo em linhas

curvas, a fantasia utilitária de um arquiteto, com “Grey House” escrito discretamente a aço por cima das portas de vidro da entrada principal. Faltavam quinze minutos para as duas quando cheguei e entrei, muito aliviada por não estar atrasada, no enorme átrio – francamente intimidante – de vidro, aço e granito branco.

Atrás da secretária de granito maciço, uma mulher jovem, muito atraente, bem arranjada e loira, sorriu-me agradavelmente. Vestia o *blazer* e a camisa branca mais impecáveis que eu alguma vez vi. Tinha um ar imaculado.

– Vim para falar com Mr. Grey. Anastasia Steele, da parte de Katherine Kavanagh.

– Só um momento, Miss Steele. – Arqueou a sobancelha e eu fiquei ali de pé, constrangida, à frente dela. Comecei a desejar ter pegado num dos *blazers* formais de Kate, em vez de ter vestido o meu blusão azul-marinho. Fiz o esforço de vestir a minha única saia, as minhas práticas botas castanhas até ao joelho e uma camisola azul. Tratando-se de mim, estava muito apresentável. Pus uma das madeixas de cabelo fugitivas atrás da orelha e fingi que ela não me intimidava.

– Estávamos à espera da Miss Kavanagh. Por favor assine aqui, Miss Steele. É o último elevador à sua direita, para o vigésimo andar. – Sorriu-me com simpatia, divertida, sem dúvida, enquanto eu assinava.

Entregou-me um cartão com a palavra “Visitante” bem visível. Não consegui evitar um meio-sorriso. De certeza que era óbvio que eu estava só de visita. Não me enquadrava nada ali. *Não era novidade*. Suspirei por dentro. Agradei-lhe e dirigi-me para a zona dos elevadores, passando pelos dois seguranças, ambos muito mais bem vestidos do que eu, com aqueles fatos pretos de bom corte.

O elevador levou-me em velocidade terminal até ao vigésimo andar. As portas abriram-se e encontrei-me noutra grande átrio – mais uma vez, todo de vidro, aço e granito branco. Deparei-me com outra secretária de granito e outra mulher loira e jovem, esta impecavelmente vestida de preto e branco, que se levantou para me cumprimentar.

– Miss Steele, pode aguardar aqui, por favor? – disse, indicando uma área com cadeiras de pele brancas.

Por trás das cadeiras de pele estava uma espaçosa sala de reuniões com paredes de vidro e uma mesa escura de madeira igualmente ampla com pelo menos vinte cadeiras a condizer à sua volta. Atrás dela, via-se uma janela que ia do chão até ao teto com uma vista do recorte urbano de Seattle que atravessava a cidade em direção ao Sound¹. Era uma visão deslumbrante e eu fiquei momentaneamente paralisada pela paisagem. Uau!

Sentei-me, pesquei as perguntas da mochila e revi-as, amaldiçoando baixinho a Kate por não me ter fornecido uma biografia breve. Não sabia nada sobre o homem que estava prestes a entrevistar. Podia ter noventa ou trinta anos. A incerteza era exasperante e o meu nervosismo reapareceu, deixando-me inquieta. Nunca me sentira confortável em entrevistas individuais, preferia o anonimato de uma discussão de grupo na qual podia sentar-me discretamente no fundo da sala. Para ser sincera, preferia a minha própria companhia, com um clássico inglês nas mãos, aninhada numa poltrona da biblioteca do *campus*. Não sentada a contorcer-me de nervos num edifício colossal de vidro e pedra.

Revirei os olhos, censurando-me a mim própria. *Controla-te, Steele*. A julgar pelo edifício, que era demasiado clínico e moderno, imaginei que Grey estivesse nos seus quarentas: em boa forma, bronzeado e loiro, para condizer com o resto do pessoal.

Outra loira elegante e impecavelmente vestida saiu de uma grande porta à direita. Mas que história é esta das loiras imaculadas? Parece Stepford². Respirei fundo e pus-me em pé.

– Miss Steele? – chamou a última loira.

– Sim – respondi com voz rouca e aclarei a garganta. – Sim.

Pronto, pareceu mais confiante.

– Mr. Grey recebe-a já de seguida. Posso ficar com o seu casaco?

– Sim, por favor.

Tirei-o com alguma dificuldade.

– Já lhe ofereceram alguma coisa para beber?

1. Puget Sound; em português, estuário de Puget. (N. da T.)

2. Cenário do livro *Mulheres Perfeitas*, de Ira Levin (1972), posteriormente adaptado ao cinema. (N. da T.)

– Há... não.

Ó céus! A Loira Número Um estaria metida em apuros?

A Loira Número Dois franziu as sobrancelhas e olhou para a jovem mulher que estava atrás da secretária.

– Deseja chá, café, água? – perguntou, voltando-se novamente para mim.

– Um copo de água, obrigada – murmurei.

– Olivia, por favor vai buscar um copo de água para a Miss Steele.

A voz era austera. A Olivia pôs-se logo a mexer e apressou-se a ir até uma porta do outro lado do *foyer*.

– As minhas desculpas, Miss Steele. A Olivia é a nova estagiária. Queira sentar-se. Mr. Grey demora mais cinco minutos.

A Olivia regressou com um copo de água com gelo.

– Aqui tem, Miss Steele.

– Obrigada.

A Loira Número Dois encaminhou-se para a secretária grande com o barulho dos tacões a ecoar no chão de granito. Sentou-se e ambas continuaram com o seu trabalho.

Talvez Mr. Grey insistisse que todas as empregadas fossem loiras. Perguntei-me distraidamente se seria legal quando a porta do escritório se abriu e saiu um homem de cor, alto e atraente, elegantemente vestido e com pequenas rastas. Definitivamente, eu tinha vestido a roupa errada.

Ele voltou-se para trás e disse lá para dentro: – Golfe esta semana, Grey?

Não ouvi a resposta. Ele virou-se, viu-me e sorriu, e apareceram-lhe umas ruguinhas nos cantos dos olhos. A Olivia levantou-se de um salto e chamou o elevador. Parecia ser muito boa a saltar da cadeira. Era mais nervosa do que eu!

– Tenham uma boa tarde, minhas senhoras – disse ele, entrando no elevador.

– Mr. Grey recebe-a agora, Miss Steele. Por favor entre – disse a Loira Número Dois.

Levantei-me algo trémula, tentando dominar os nervos. Peguei na mochila, abandonei o meu copo de água e dirigi-me para a porta parcialmente aberta.

– Não precisa de bater, basta entrar – disse ela com um sorriso prestável.

Empurrei a porta e entrei em desequilíbrio, depois de tropeçar nos meus próprios pés e de me atirar de cabeça para dentro do escritório.

Que figurinha! Eu e os meus dois pés esquerdos. Encontrava-me de quatro à entrada do escritório de Mr. Grey e senti umas mãos prestáveis à minha volta, a ajudarem-me a levantar. Estava tão envergonhada; bolas para a minha aselhice. Tive de me forçar a olhar para cima. Caramba. Ele era mesmo novo!

– Miss Kavanagh. – Estendeu-me uma mão de dedos compridos assim que me pus em pé. – Sou Christian Grey. Está bem? Quer sentar-se?

Tão novo; e atraente, muito atraente. Alto, vestido com um fato cinzento de bom corte, camisa branca e gravata preta, com cabelo escuro acobreado e olhos cinzentos intensos e vivos que me olhavam, incisivos. Demorei um bocadinho até conseguir falar.

– Pois. Na verdade... – balbuciei.

Se aquele tipo tinha mais de trinta, eu era a carochinha. Aturdida, estendi-lhe a mão e cumprimentámo-nos. Quando os nossos dedos se tocaram, fui percorrida por um peculiar arrepio de excitação. Constrangida, tirei apressadamente a mão. Devia ser eletricidade estática. Comecei a pestanejar, ao ritmo da minha frequência cardíaca.

– Miss Kavanagh está indisposta, e por isso enviou-me a mim. Espero que não se importe, Mr. Grey.

– E você é?

A voz dele era afável, possivelmente divertida, mas era difícil dizer, com aquela expressão impassível. Ele parecia minimamente interessado, mas mostrava-se, acima de tudo, educado.

– Anastasia Steele. Estudo literatura inglesa com a Kate, há... Miss Kavanagh, na WSU Vancouver.

– Estou a ver – comentou simplesmente.

Julguei ver a sombra de um sorriso na sua expressão, mas não tive a certeza.

– Quer sentar-se?

Indicou-me um sofá em L de pele branco.

O escritório dele era manifestamente grande para um homem só. À frente das enormes janelas estava uma secretária moderna de madeira escura, onde cabiam à vontade seis pessoas a comer. Combinava com a mesa de apoio que estava ao lado do sofá. Tudo o resto era branco – teto, chão e paredes, exceto a parede ao lado, onde se via um mosaico de pequenos quadros, trinta e seis dos quais dispostos num quadrado. Eram preciosos – uma série de objetos mundanos, irrelevantes, pintados com tanto pormenor e precisão que pareciam fotografias. Juntos, eram impressionantes.

– Um artista local. Trouton – disse Grey quando o nosso olhar se cruzou.

– São admiráveis. Fazem do comum, extraordinário – murmurei, aturdida tanto por ele como pelos quadros.

Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou-me intensamente.

– Não podia estar mais de acordo, Miss Steele – devolveu ele com uma voz suave, e por alguma razão inexplicável dei por mim a corar.

Para além dos quadros, o resto do escritório era frio, sóbrio e asséptico. Perguntei-me se refletiria a personalidade do Adónis que se deixava afundar graciosamente numa das poltronas brancas que tinha à minha frente. Abanei a cabeça, perturbada pela direção que os meus pensamentos tomavam e peguei na mochila para tirar as perguntas da Kate. A seguir, preparei o gravador digital e parecia que tinha mãos de manteiga; deixei-o cair duas vezes na mesinha à minha frente. Mr. Grey não disse nada, aguardando pacientemente – esperava eu – enquanto me sentia cada vez mais envergonhada e atrapalhada. Quando reuni coragem para olhar para ele, Grey observava-me, com uma mão pousada no colo, relaxada, e a outra no queixo, com o longo indicador sobre os lábios. Pareceu-me que tentava conter um sorriso.

– D-desculpe – gaguejei. – Não estou a habituada a isto.

– Leve o tempo que precisar, Miss Steele – disse ele.

– Importa-se que grave as suas respostas?

– Depois do trabalho que teve para preparar o gravador, pergunta-me agora?

Corei. Seria uma provocação? Esperava que sim. Olhei para ele e pestanejei, sem saber o que dizer, e pareceu-me que ele ficou com pena de mim porque condescendeu.

– Não, não me importo.
– A Kate, quer dizer, Miss Kavanagh, explicou-lhe para que era a entrevista?

– Sim, para figurar na edição do jornal académico da entrega dos diplomas, pois serei eu a entregá-los na cerimónia deste ano.

Ah! Para mim era novidade e incomodou-me momentaneamente o pensamento de que alguém não muito mais velho do que eu – OK, talvez uns seis anos, e OK, hiper bem-sucedido, mas, mesmo assim – me fosse entregar o meu diploma. Franzi as sobrancelhas, dirigindo a minha atenção desobediente para a tarefa que tinha entre mãos.

– Isso.

Engoli em seco com os nervos.

– Tenho aqui algumas perguntas, Mr. Grey.

Coloquei uma madeixa errante atrás da orelha.

– Foi o que assumi – disse ele, sem expressão.

Estava a fazer pouco de mim. Senti a cara a ficar quente e sentei-me melhor, endireitei os ombros na tentativa de parecer mais alta e mais intimidante. Carreguei no botão do gravador e tentei assumir um ar profissional.

– É muito jovem e, no entanto, já construiu um império enorme. A que deve o seu sucesso?

Olhei para cima, para ele. Fez um sorriso grave, mas pareceu ligeiramente desiludido.

– Fazer negócios é lidar com pessoas, e eu sou muito bom a avaliar pessoas. Sei o que as estimula, o que as faz florescer e o que não faz, o que as inspira e como as incentivar. Emprego uma equipa excepcional e recompenso-os bem.

Fez uma pausa e fixou-me com aquele olhar cor de cinza.

– É minha convicção que, para se ter sucesso em qualquer projeto, temos de ser capazes de dominar o assunto, conhecê-lo pelo direito e pelo avesso, todos os detalhes. Trabalho muito, mesmo muito, para o conseguir. Tomo decisões baseadas na lógica e nos factos. Tenho um instinto natural que me permite identificar e alimentar uma ideia boa, sólida, e pessoas boas. Porque a questão fundamental resume-se às pessoas.

– Talvez seja apenas uma questão de sorte.

Aquilo não estava na lista de Kate; mas ele era tão arrogante. Os olhos dele incendiaram-se momentaneamente de surpresa.

– Não me guio pela sorte nem pelo destino, Miss Steele. Quanto mais trabalho, mais a minha sorte parece aumentar. Na realidade, trata-se mesmo de ter as pessoas certas na equipa e de direcionar adequadamente as energias delas. Julgo que foi Harvey Firestone quem disse que “O crescimento e desenvolvimento das pessoas é a forma mais nobre de liderança”.

– Parece um maníaco do controlo.

As palavras saíram-me pela boca antes de eu conseguir detê-las.

– Oh, exerço controlo sobre todas as coisas, Miss Steele – respondeu, sem o mínimo vestígio de humor no sorriso.

Olhei para ele, e ele, impassível, não desviou o olhar do meu. A minha pulsação aumentou e senti-me novamente a corar.

Porque é que ele me deixava tão perturbada? Por ser lindo de morrer, talvez? Pelos olhos dele, ardentes? Pela forma como passava o indicador no lábio? Quem me dera que parasse de fazer aquilo.

– Além disso, adquire-se um poder imenso quando nas nossas divagações secretas nos convencemos de que nascemos para controlar as coisas – prosseguiu com uma voz suave.

– Sente que tem um poder imenso?

Maníaco do controlo.

– Emprego mais de quarenta mil pessoas, Miss Steele. Isso confere-me um certo sentido de responsabilidade; poder, se desejar. Se eu resolvesse decidir que já não estava interessado no negócio das telecomunicações, e vendesse, passado um mês ou pouco mais, vinte mil pessoas ver-se-iam em apuros para pagar o empréstimo das suas casas.

A minha boca abriu-se. Fiquei desconcertada com aquela falta de humildade.

– Não tem de responder perante nenhum conselho de administração? – perguntei, indignada.

– A companhia pertence-me. Não tenho de responder perante conselho nenhum.

Mostrou-me uma sobrelha erguida. Pois claro, era algo que eu saberia se tivesse pesquisado alguma coisa. Fogo, o homem era mesmo arrogante. Mudei de rumo.

– E tem algum interesse para além do seu trabalho?

– Tenho interesses variados, Miss Steele.

Passou-lhe a sombra de um sorriso pelos lábios.

– Muito variados.

E por qualquer razão, o seu olhar firme deixou-me confundida e com calor. Um brilho nos olhos dele denunciou algum pensamento malicioso.

– Mas se trabalha tanto, o que faz para descontraír?

– Descontraír?

Sorriu, revelando dentes brancos e perfeitos. Parei de respirar. Ele era realmente bonito. Não devia ser permitido ser-se tão atraente.

– Bom, para “descontraír” como disse, ando de barco, voo, dedico-me a várias atividades físicas. – Mudou de posição. – Sou um homem muito rico, Miss Steele, e tenho *hobbies* caros e absorventes.

Com vontade de mudar de assunto, olhei rapidamente para as perguntas da Kate.

– Investe na indústria. Porquê, especificamente? – perguntei.

Porque é que ele me deixava tão desconfortável?

– Gosto de construir coisas. Gosto de saber como elas funcionam: o que as faz mexer, como construir e destruir. E tenho paixão por navios. O que posso dizer?

– Parece mais o seu coração a falar do que a lógica e os factos.

O canto da boca dele começou a subir e olhou para mim com um ar avaliador.

– Possivelmente. Embora haja pessoas que diriam que eu não tenho coração.

– Porque diriam isso?

– Porque me conhecem bem.

Os lábios delinearam um sorriso seco.

– Os seus amigos diriam que é uma pessoa fácil de conhecer?

Arrependi-me da pergunta assim que a disse. Não estava na lista da Kate.

– Sou uma pessoa muito reservada, Miss Steele. Esforço-me por proteger a minha privacidade. Não dou entrevistas com frequência...

– Porque aceitou dar esta?

– Porque sou mecenas da universidade e porque, para todos os efeitos, não conseguia tirar Miss Kavanagh de cima de mim. Ela fartou-se de importunar a minha equipa do departamento de relações públicas e eu admiro esse tipo de tenacidade.

Eu sabia que ela conseguia ser muito persistente. Era por isso que eu estava ali sentada a contorcer-me diante do olhar penetrante dele, quando devia estar a estudar para os meus exames.

– Também investe em tecnologias agrícolas. Porque se interessa por essa área?

– Não podemos comer dinheiro, Miss Steele, e há demasiadas pessoas neste planeta que não têm o que comer.

– Isso parece muito filantrópico. É algo que o apaixona? Alimentar os pobres do mundo?

Ele respondeu com um encolher de ombros evasivo.

– É puro negócio – murmurou, embora me parecesse que estava a ser pouco honesto.

Não fazia sentido; alimentar os pobres do mundo? Não via nenhum ganho financeiro naquilo, apenas o virtuosismo do ideal. Espreitei a pergunta seguinte, confusa com a atitude dele.

– Tem alguma filosofia? Se sim, qual é?

– Não tenho uma filosofia nesse sentido. Talvez um princípio orientador – de Carnegie: “O homem que obtém a capacidade de se apropriar da sua mente por completo, pode apropriar-se de tudo o resto que lhe seja justamente devido”. Sou uma pessoa muito singular, sou muito determinado. Gosto de ter controlo – sobre mim e sobre os que estão à minha volta.

– Então quer possuir coisas?

És um maniaco do controlo.

– Quero merecer possuí-las; mas sim, de facto, quero.

– Parece o consumidor supremo.

– E sou.

Sorrii, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Mais uma vez, não batia certo com alguém que queria alimentar o mundo, por isso não conseguia evitar pensar que estávamos a falar de alguma outra coisa, mas não tinha a mínima ideia do quê. Engoli em seco. A temperatura

do escritório estava a subir, ou talvez fosse apenas eu. Só queria que a entrevista acabasse. De certeza que a Kate já ficava com material que chegasse. Olhei para a pergunta seguinte.

– Foi adotado. Considera que isso influenciou muito a pessoa que é?

Oh, era muito pessoal. Fitei-o, esperando que não tivesse ficado ofendido. A testa dele enrugou-se.

– Não tenho forma de saber.

Despertou-me o interesse.

– Que idade tinha quando foi adotado?

– É uma questão do conhecimento público, Miss Steele.

O tom de voz era severo. *Raios*. Pois, claro – se eu soubesse que ia fazer a entrevista teria pesquisado alguma coisa. Atrapalhada, apressei-me a continuar.

– Sacrificou a família em prol do trabalho.

– Isso não é uma pergunta.

Foi seco.

– Desculpe.

Não sabia para onde me virar; fez-me sentir uma criança malcomportada. Fiz uma nova tentativa.

– Teve de sacrificar a família em prol do seu trabalho.

– Eu tenho família. Tenho um irmão e uma irmã e pais carinhosos. Não estou interessado em alargar a minha família para além disso.

– É *gay*, Mr. Grey?

Ele inspirou profundamente e eu encolhi-me, sem saber onde me enfiar. *Raios*. Porque não tinha preparado o caminho antes de desatar a ler aquilo? Não podia dizer-lhe que me limitava a ler as perguntas. Bolas para a Kate e a curiosidade dela.

– Não, Anastasia, não sou.

Franziu as sobrancelhas, um brilho frio nos olhos. Não parecia contente.

– Peço desculpa. Está, há... aqui escrito.

Era a primeira vez que ele dizia o meu nome. A minha pulsação acelerou e senti outra vez a cara a aquecer. Nervosa, pus o cabelo solto atrás da orelha.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– As perguntas não são suas?

Senti-me a gelar.

– Eh... não. A Kate, a Miss Kavanagh, compilou as perguntas.

– São colegas no jornal académico?

Oh, não. Eu não tinha nada a ver com o jornal académico. Era a atividade extra curricular dela, não a minha. Tinha a cara a arder.

– Não. Divide o apartamento comigo.

Ele passou a mão pelo queixo em silenciosa deliberação, avaliando-me com os olhos cor de cinza.

– Ofereceu-se para fazer esta entrevista? – perguntou-me, com uma voz assustadoramente calma.

Calma aí, quem é que entrevistava quem, afinal? Os olhos dele penetraram-me e só consegui responder-lhe com a verdade.

– Fui chamada. Ela não está bem.

A voz saiu-me débil e acanhada.

– O que explica muita coisa.

Ouviu-se bater à porta e entrou a Loira Número Dois.

– Mr. Grey, peço desculpa pela interrupção, mas a sua próxima reunião é daqui a dois minutos.

– Ainda não acabámos, Andrea. Por favor cancele a minha próxima reunião.

Andrea hesitou e ficou boquiaberta a olhar para ele. Parecia perdida. Ele virou lentamente a cabeça para olhar para ela e ergueu as sobrancelhas. Ela ficou toda corada. *Ah, bem. Não era só eu.*

– Muito bem, Mr. Grey – balbuciou e depois saiu.

Ele franziu o sobrolho e prestou-me outra vez atenção.

– Onde íamos, Miss Steele?

Oh, agora voltámos à Miss Steele.

– Por favor, não deixe que o atrase.

– Quero saber mais sobre si. Parece-me justo.

Os olhos dele cintilavam de curiosidade. *Que grande porcaria. O que é que ele queria com aquilo?* Apoiou os cotovelos nos braços da poltrona e fez um triângulo com as mãos. A boca dele chamava muito a atenção. Engoli em seco.

– Não há muito para saber.

– O que planeia fazer depois de terminar o curso?

Encolhi os ombros, confusa com a atenção dele. *Mudar-me para Seattle com a Kate, procurar trabalho.* Na realidade não tinha pensado em mais nada para lá dos exames finais.

– Não fiz planos nenhuns, Mr. Grey. Só preciso de passar nos meus exames finais. – Para os quais devia estar a estudar naquele preciso momento, em vez de estar sentada no seu escritório sumptuoso, pretensioso e estéril, exposta ao seu olhar penetrante e a sentir-me desconfortável.

– Temos um programa de estágios excelente – disse numa voz calma. Arqueei as sobrancelhas de surpresa. Estava a oferecer-me trabalho?

– Hum... Vou lembrar-me disso – murmurei, confusa. – Embora não tenha a certeza se me enquadraria muito bem aqui.

Oh, não! Estava outra vez a pensar alto.

– Porque disse isso? – Ele inclinou a cabeça para o lado, intrigado, com um sorriso a querer formar-se nos lábios.

– É óbvio, não é? Sou trapalhona, desleixada e não sou loira.

– Para mim não é.

O olhar dele era intenso, sem sombra de humor, e senti uns músculos estranhos no baixo-ventre a retesarem-se de repente. Salvei os meus olhos do escrutínio dele e olhei perdida para os meus dedos entrelaçados e tensos. *O que se passava?* Tinha de ir – imediatamente. Estiquei-me para a frente para agarrar no gravador.

– Quer que lhe mostre as instalações? – perguntou-me.

– De certeza que tem muito que fazer, Mr. Grey, e eu tenho uma longa viagem pela frente.

– Volta de carro para Vancouver? – Pareceu surpreendido, ansioso até. Olhou pela janela. Tinha começado a chover. – Bem, é melhor ir com cuidado. – Falou num tom severo, autoritário. Porque se importaria ele? – Tem tudo o que precisa? – perguntou ainda.

– Sim, senhor – respondi, enfiando o gravador na mochila. Ele semicerrou os olhos com um ar especulativo.

– Obrigada pela entrevista, Mr. Grey.

– O prazer foi todo meu – respondeu, educado como sempre.

Quando me levantei, ele pôs-se em pé e estendeu-me a mão.

– Até uma próxima, Miss Steele.

E aquilo pareceu um desafio, ou uma ameaça, não tenho a certeza de qual dos dois. Franzi a testa. Mas íamos voltar a encontrar-nos? Apertei-lhe mais uma vez a mão, perplexa por aquela estranha ligação se manifestar ainda entre nós. Deviam ser os meus nervos.

– Mr. Grey – saudei com um aceno de cabeça.

Ele alcançou a porta com uma graciosidade atlética e abriu-a completamente.

– Apenas para me certificar de que passa pela porta, Miss Steele.

Mostrou-me um pequeno sorriso. Referia-se obviamente à minha não tão elegante entrada no escritório. Corei.

– É muito atencioso da sua parte, Mr. Grey – devolvi, e o sorriso dele abriu-se.

Que bom que me achou divertida, resmunguei para dentro a caminho do *foyer*. Fiquei surpreendida quando ele saiu atrás de mim. Andrea e Olivia olharam ambas para cima, igualmente surpreendidas.

– Trouxe casaco? – perguntou Grey.

– Um blusão.

Olivia levantou-se de um salto e foi buscar-me o blusão, que Grey lhe tirou das mãos antes de ela conseguir entregar-mo. Ele segurou-o, e eu, muito acabrunhada, enfiei os braços. Deixou ficar as mãos por um momento nos meus ombros. O contacto deixou-me sem ar. Se ele reparou na minha reação, não deixou transparecer nada. Com o longo dedo indicador, carregou no botão para chamar o elevador e ficámos ali à espera – eu muito desconfortável, ele muito senhor de si. As portas abriram-se e eu apressei-me a entrar, desesperada por fugir dali. *Tinha mesmo de sair dali*. Quando me virei para olhar para ele, ele estava a olhar para mim, com uma mão apoiada ao lado da porta do elevador. Ele era mesmo muito, muito atraente. Era enervante.

– Anastasia – disse, a despedir-se.

– Christian – respondi. E por misericórdia as portas fecharam-se.